

LEITURA: UM DRAMA SEMPRE EM CARTAZ

Tarlei Martins Ferreira - Universidade de Brasília

1 - O convite

Na idade média em que vivemos, dizer que algo está sempre em cartaz é sinal de triunfo, de sucesso de público. O drama da leitura, no entanto, está sempre em cartaz pela razão contrária: o fracasso de público. A consequência natural é o fracasso de desempenho do brasileiro nos testes dedicados a avaliar a proficiência em leitura.

São várias as pedras no caminho da leitura e removê-las não é tarefa fácil. Mas é preciso atacar um problema de base: o baixo interesse por leitura. Por isso, o que aqui se defende é uma “desescolarização” da leitura e uma aposta na figura do mediador – antes de tudo um leitor apaixonado.

A garantia de um encontro prazeroso entre livro e leitor – requisito essencial para formar leitores auto-motivados – é tarefa que precisa amparar-se numa mediação o mais qualificada possível. Em meio aos descaminhos tantos da leitura, apostamos na mediação como um ponto de partida. Assim orientados, restamos dizer: navegar é preciso!

O drama da leitura, contudo, é oceânico e se espalha em mil e um afluentes. Assim, para bem navegarmos nele precisamos de uma carta de navegação, de uma bússola que nos oriente mar adentro. Nessa carta de navegação não podem faltar o cenário, que é onde o espetáculo da leitura deve acontecer; o enredo, que fala basicamente das pedras no meio do caminho da leitura e de um possível caminho para remover algumas dessas pedras; e o protagonista, que põe em cena o leitor, epicentro do drama.

O objetivo último da navegação é obter elementos para uma possível resposta à pergunta: por que lemos tão pouco e mal? O drama já vai começar. Aceita o convite? É ler para ver.

2 - O cenário

Não é demais repetir: estamos em plena idade média. A idade média, assim como a sua prima distante, a idade média, tem, por estranho que pareça, sua quota de obscurantismo. A diferença é que é um obscurantismo que vem pelo excesso. Excesso de quê? Excesso de tecnologia, excesso de imagens, excesso de informações, excesso de individualismo. Gabriel Perissé diz que vivemos regidos pelo individualismo de massa. Em meio a tanto excesso, há uma falta crônica de humanidade.

A idade média está inserida no que chamamos pós-modernidade. Aqui vamos falar brevemente de algumas linhas de força dessa pós-modernidade.

No domínio da ciência, passamos das hipóteses explicativas para as incertezas. Emblemático disso é o grande dilema da física moderna que não consegue fixar o constituinte básico da matéria: partícula ou onda? É o reino das realidades quânticas, onde tudo é possível e quase nada é certo.

A pós-modernidade alimenta-se da pluralidade e do ecletismo. O seu ambiente é o da multi, trans, interdisciplinaridade. É o lugar do “sim” amplo, irrestrito, e cujos desdobramentos são a infidelidade, a volubilidade e a descartabilidade.

Em lugar do humanismo antropocêntrico que conferia ao homem a missão de transformar o mundo, ingressamos no que está sendo chamado de humanismo ecocêntrico. Prova disso é a grande voga de temas como aquecimento global e responsabilidade sócio-ambiental, por exemplo.

Na pós-modernidade está ocorrendo uma microfragmentação do tempo real. Tudo se alinha ao diapasão da efemeridade, da instantaneidade. E estamos assistindo a um processo de retribalização digital por meio de Orkut, MSN, Skype, blogs e congêneres.

Vivemos num regime que os estudiosos da comunicação chamam de vassalagem *prêt-à-porter*. Algo do tipo: “Você vai se escrivizar a quê? Escolha à vontade!” Também podemos chamar a isso de anomia, por oposição à autonomia. Emblemático dessa anomia é o filme *Matrix*. O fato é que o primado do indivíduo está cedendo lugar a uma espécie de ensimesmamento tribal pelas vias que já mencionamos logo atrás (MSN, Orkut, etc).

O discurso verbocêntrico cede lugar ao discurso imagético. Tudo ganha contornos de espetáculo. Tudo aspira ao estatuto midieval, lugar sagrado da aparência. E aqui cabe lembrar a famosa frase de Andy Warhol: “Todo mundo terá, no futuro, quinze minutos de fama”. E o futuro é hoje.

É nesse cenário nada animador que temos de navegar, que temos de erguer o espetáculo da leitura. Antes, convém perguntar: mas o que tem a ver a leitura e seu drama com esse cenário? Paulo Freire responde: “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (*apud* MARTINS, 1989:10).

Se o cenário está em acelerado processo de mutação, se as camadas tectônicas das idéias, em busca de uma acomodação provisória, coloca-nos no olho do furacão, parece-nos que, num cenário assim, a leitura da palavra é mais que nunca necessária.

3 - O enredo

O espetáculo da leitura tem um enredo bastante complexo, com vários elementos em cena. Vamos tentar percorrer alguns desses elementos. Para isso é preciso delimitar e fixar o domínio em que vamos navegar: a leitura de literatura. A razão é que a leitura do texto literário agiliza a nossa compreensão dos símbolos pelos quais a realidade se explica.

José Saramago, no seu discurso de agradecimento ao Prêmio Nobel, disse: “Em minha opinião, tudo quanto não for vida é literatura”¹. Com essa frase de Saramago, vida e literatura, como não poderia deixar de ser, se ligam umbilicalmente. Não sem razão, para Gabriel Perissé a leitura é uma fuga para a vida.

Está certo que vida e literatura mantêm um vínculo especular. No entanto, é cada vez menor o número dos que apreciam colher a vida no espelho da palavra escrita. Já se disse que ler é um jeito de viver também com a imaginação. Mas hoje a grande massa de leitores prefere a sedução da tela luminosa, prefere viver com a imagem.

A despeito dos abalos, a vontade de conhecer, animada pelo fogo da curiosidade, tem no livro o seu principal combustível.

4 - O livro: um objeto-quase-gente

O livro é o objeto-símbolo de nosso imaginário cultural e índice por excelência da modernidade. Caetano Veloso diz numa canção: “Os livros são objetos transcendentais / mas podemos amá-los do amor tátil [...]”. Num tempo em que a forma dominante da linguagem já se deslocou sensivelmente para o nível icônico, não é impertinente perguntar até quando o livro será objeto de fruição tátil.

No dizer de Regina Mota, o livro, “depois de ter contribuído para a revolução do mundo moderno, encontra-se constrangido a justificar o seu papel numa sociedade em que as informações circulam segundo a temporalidade própria das ondas eletromagnéticas e das redes de fibras óticas” (*apud* MARINHO, 2001:192-3). É que o livro, esse fabuloso recurso capaz de situar a memória humana fora do homem, ampliando-lhe a difusão e a permanência, estaria em vias de desaparecimento, sendo substituído por outras formas de comunicação.

Se os meios audiovisuais polarizam a freqüentação do nosso imaginário, antes ocupado pelos livros, já não seria tão temerário falar em fim do livro como o suporte por excelência da escrita. O advento da era eletrônica assestou um duro golpe no livro e na leitura. Apesar da nova dimensão que vem sendo conferida à imagem, é certo que vivemos, ainda, numa sociedade grafocêntrica. A propósito, a palavra de ordem que ecoa no meio digital é convergência. E a *Internet* surge como o grande repositório da palavra, do som e da imagem, as três matrizes semióticas fundamentais. E vale citar a frase genial lida, claro, na *Internet*: “Caiu na rede é pixel.”

Será o fim do livro? Diz Regina Zilberman que “a sobrevida do livro é a da literatura, no modo conforme se apresenta em nossos dias. Porque suscita a interferência do leitor, este também não a abandona” (2001:119).

¹ Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/com024/saramago/nobel.htm>>. Acesso em 05 set. 2008.

5 - A literatura

Literatura, em sentido etimológico, é a arte da letra. No Aurélio, uma das acepções para o verbete “literatura” é “qualquer dos usos estéticos da linguagem”. Para Antônio Cândido, “literatura, da maneira mais ampla possível, é o conjunto das criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade”². Tenhamos em mente que, apesar da tentação do conceito, no domínio das artes as perguntas são permanentes e as respostas provisórias.

Os usos estéticos da linguagem primam pela variedade. Vamos dirigir nosso olhar para uma de suas vertentes: a literatura ficcional. A razão dessa escolha é que, no dizer de Cristina Costa, numa “sociedade que se caracteriza pela mediação discursiva e por uma atitude crítica em relação a ela, a ficção se tornou a forma narrativa de maior penetração” (2002:15). O texto literário (ficcional) resulta da fusão entre realidade, imaginário e linguagem. É através das narrativas que o homem elabora identidades e alteridades, diversidades e desigualdades, o que pode ser visto como a história de um imenso e longo experimento cultural, ou mais propriamente civilizatório.

A literatura tem a função maior de tornar o mundo compreensível e o materializa em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas. A absorção do texto literário, no entanto, requer livre trânsito do leitor entre as instâncias que o compõe: linguagem, realidade e imaginário.

É o caso de perguntarmos a quantas anda a literatura em tempos de globalização e em que, sob os auspícios da idade mídia, parecemos submergir numa espécie de vazio comunicativo.

6 - Assim descaminha a literatura

“Numa sociedade que começa a corromper-se, a primeira coisa que apodrece é a linguagem” (*apud* PERISSÉ, *O leitor criativo*, 2004:31). Essas palavras de Octávio Paz, se transpostas para a nossa sociedade midiática e se aplicadas à linguagem literária, figuram uma realidade nada animadora para a arte da palavra. E digamos logo que a palavra é o que nos mantém atados à vida, é o verdadeiro cordão umbilical. Mas a palavra está sob assédio brutal da imagem.

Walnice Nogueira Galvão (2005) alerta-nos que a literatura, hoje, tem de ser examinada na intersecção de diversas linhas de força, sendo a mais determinante delas a presença avassaladora do mercado. Sob o vetor do mercado, o que ganha predominância é o valor de entretenimento, pouca importância sendo reservada para o valor de conhecimento e para o valor estético.

O esgotamento das vanguardas constitui outra linha de força a dar duro golpe na arte literária. Com isso, muito do que se lê parece *déjà lu*. No vale-tudo da pós-modernidade, ganham espaço a intertextualidade, a paródia, o pastiche e a citação, além de se exaltar o fragmentado e o inconcluso. Sob as asas generosas do multiculturalismo, a apreciação do texto literário passa ao largo de qualquer viés estético.

A globalização também desponta como outra linha de força em desfavor da literatura. Sob sua égide o que tem prevalecido é a homogeneidade, o padrão estabelecido pelo mínimo denominador comum. A literatura, coitada, tende ao “digestivo” e parece condenada à tirania dos *best-sellers*. Será?

O fato é que a transformação cabal da literatura em indústria cultural pode ser constatada no temor à experimentação formal, na mediania do discurso e no recuo brutal da preocupação estética. Nesse cenário vemos surgir nosso primeiro autor globalizado: Paulo Coelho. O que anima o tipo de literatura praticada sob os ventos globais – de que Paulo Coelho é um paladino – é a capacidade de se “reduzir tudo a um denominador comum pasteurizado e homogeneizado com o intuito de tornar-se consumível em qualquer latitude” (GALVÃO, 2005:39-40). Após tantos e brutais assédios, é ilusão não admitir que uma certa concepção de alta cultura e de alta literatura, que tínhamos há pouco, pereceu.

7 - Ler para quê?

O cerne do drama da leitura parece residir na dificuldade de assimilar novos públicos ao circuito do impresso. Isso obriga-nos a repensar o papel cultural da leitura em tempos de tantos recursos informacionais. Obriga-nos, igualmente, a repensar o lugar da leitura na vida social e avaliar em que medida existem vínculos profundos entre prática de leitura, cultura e sociedade. É

² Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/textos_dh/literatura.html>. Acesso em 05 set. 2008.

preciso ressaltar que a leitura não é um ato natural, mas cultural e historicamente demarcado. E a biblioteca³ não é ainda um objeto cultural amplamente presente na cena do País.

Para Edmir Perrotti, “leitura, conhecimento e cultura encerram elos tão decisivos e fundamentais que é impossível fugir das questões que tais ligações colocam aos programas [de promoção da leitura]” (1990:74). Assim, a leitura não pode ser implantada arbitrariamente em uma sociedade que não possui estruturas de base para acolhê-la e nem uma política sócio-cultural de conjunto que crie condições necessárias a seu desenvolvimento. O fato é que as bases atuais de promoção da leitura estão marcadas por um crescente confinamento da cultura da infância em instituições que insistem em manter-se de costas para o jogo social vivo.

Vive-se o fenômeno chamado “escolarização da infância”. A realidade do confinamento vivido pelas crianças vai reduzindo a possibilidade de relacionamento com a diferença, a multiplicidade, o “outro”, ao tempo em que instaura o “privilégio da uniformidade”. Impede-se a descoberta da leitura como ato verdadeiramente cultural, como ato de troca simbólica de sentidos que verdadeiramente digam respeito a nosso estar-no-mundo. Com isso, resta prejudicado o caráter essencial da leitura: ato de significação que se define e ganha sentido pleno apenas no jogo social amplo. A formação de repertório cultural fica restrita aos espaços institucionais em vez de abrir-se para o contato com a diversidade.

Nesse contexto, as atividades de leitura não conferem identidade sócio-cultural, mas diferenciação, distinção e, em conseqüência, isolamento. A leitura literária tem de ser uma prática social significativa para os alunos e para a comunidade em que estão inseridos. Uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos. É por isso que a leitura tende a tornar-se atividade marginal numa sociedade de consumo, pois não está mais inserida em um processo vital nem animada por uma necessidade social ou psicológica. Na visão de Edmir Perrotti (1990), a crise da leitura passa por uma inadequação dos métodos e dos espaços de aprendizagem. A essa altura convém perguntar: é possível falar num método de aprendizado da leitura? O mais certo, talvez, é que não se ensina ninguém a ler. Antes criam-se condições para o leitor realizar a sua própria aprendizagem.

8 - Enfim, o leitor!

Para Gabriel Perissé (*Literatura & educação*, 2006), o leitor é um nexologista, ou seja, um especialista em nexos. Sendo essencialmente um articulador de significações, o leitor vai-se “configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural circundante” (MARTINS, 1989:17). E é preciso dizer que o leitor compõe com o livro uma entidade indissociável.

Em uma abordagem filosófica, e nas palavras de Merleau-Ponty, “nunca há [...] pensamento que seja completamente pensamento e não peça a palavras o meio de aparecer a si mesmo. [...] Todo pensamento vem das palavras e para elas regressa, toda palavra nasceu em pensamentos e neles termina” (apud SILVA, 1981:84). O pensamento, núcleo do que nos faz humanos, espelha-se na palavra. O encontro com as palavras é vital para as palavras serem palavras. E a palavra pede leitura, pede o leitor.

Mas que leitor é este? E por que a leitura, tendo o poder que tem e sendo atividade extremamente prazerosa, vai-se configurando como espetáculo cronicamente inviável? Uma possível resposta: o leitor é o enunciador do conhecimento do mundo que circula por intermédio da escrita; é o sujeito histórico que, forçosamente, vai-se reconfigurando em virtude das turbulentas e aceleradas mudanças sociais e tecnológicas, entre outras. E a leitura, tal como a aprendizagem de um modo geral, é uma atividade ainda associada à pedagogia do sacrifício. E não se pode esquecer que a atividade da leitura requer uma competência lingüística especialmente desenvolvida para o domínio do código escrito. Se o valor de entretenimento é o que comanda o espetáculo da sociedade midiática em todos os níveis, fica claro que tudo o que exija maiores habilidades cognitivas será rejeitado.

As mudanças tecnológicas vêm impondo, avassaladoramente, o imperativo da velocidade. E nada mais contrário à leitura que a velocidade. O leitor – para ser um verdadeiro leitor – tem de ser, antes de tudo, um ruminador, já que ler é um processo que continua para muito além do tempo físico gasto no ato de ler. O triunfo da idade média vem modelando um tipo especial de leitor que, nas palavras de Gabriel Perissé, só lê “aquilo em que o interesse imediato pelo assunto [supera] a barreira de uma incapacidade quase física para

³ “Bibliotecas escolares – Fracasso de público”: essa foi a matéria de capa da Revista Educação (Edição 136 – Agosto/2008).

acompanhar textos exigentes e substanciais” (*Ler, pensar e escrever*, 2004:26); um tipo de leitor que encontra nas listas de *best-sellers* o mapa seguro para sua desorientação.

Mas falemos daquele leitor ali no palco. Embora educado, ele não disfarça o fastio pelas obviedades que aqui vamos dispendo. Parece sugerir que falemos do prazer da leitura. Não é que ele tem razão? Fixamos em demasia nas pedras do caminho, esquecendo-nos de que o que a leitura nos cobra em esforço devolve-nos em forma de aguçamento da imaginação, do pensamento, da intuição, da sensibilidade e da memória.

Artur da Távola escreveu que “um dia lindo é um dia lendo”. Lendo, adquirimos uma inquietação interior, uma riqueza íntima de quem está atento à vida. Lendo, entramos em diálogo profundo com a vida, à medida que nos deslocamos para o interior de outras realidades, de outros ambientes, de outras idéias e de outras pessoas. Lendo, erguemos uma ponte inconsútil, suspensa no ar, sustentada na razão e no sentimento, que nos conduz ao outro e a nós mesmos. Lendo, mantemo-nos vivos e videntes, tornamo-nos visionários do presente – o que não é pouco em tempos de nítida encruzilhada civilizatória.

9 - O prazer da leitura

Eis uma verdade inapelável: a leitura tem de ser, num primeiro momento, uma vivência de puro prazer. E por uma simples razão: “o verbo ler não suporta o imperativo” (PENNAC, 1998:13). Essa constatação, aliada ao fato de que – vale repetir – a promoção da leitura padece de uma inadequação de métodos e de espaços de aprendizagem, talvez baste para explicar por que a escolarização da leitura patina no fracasso. Não se pode esquecer que grande parte do prazer da leitura se passa, como diz Daniel Pennac, “no país da gratuidade. A gratuidade, que é a única moeda da arte” (1998:34).

A pedagogia da leitura deveria consistir apenas em alimentar o entusiasmo do leitor em lugar de pôr à prova sua competência; afinal, aquilo que lemos, calamos. É preciso deixar o tempo fazer seu silencioso trabalho de destilação. Ah, que pedagogos seríamos se não tivéssemos a preocupação da pedagogia! Mas os pedagogos somos apressados, queremos respostas imediatas. Nosso afã pedagógico faz-nos esquecer que a rede de pescar sentidos o leitor a vai urdindo devagar e lentamente, fio a fio. Após longa e silenciosa freqüentação dos livros, essa rede vai ficando mais e mais apta a pescar sentidos. É quando o leitor, enfim, poderá “pegar” e “morder” com a inteligência o núcleo das coisas. E o fará com o prazer que só uma leitura bem levada é capaz.

Entre leitura e prazer, no entanto, interpõem-se várias pedras, todas já arroladas no desenrolar desse drama que já vai longo. O que se pretendeu aqui, ainda que por vias às vezes transversas, foi fazer o elogio da leitura, mais especificamente da leitura literária.

A despeito do que vem de permeio, leitura e prazer vinculam-se de forma indissociável. E é justamente pela via do prazer – e apesar dos professores! – que se aprende a gostar de ler. Se ler é algo que se aprende na escola, gostar de ler...

10 - Onde fica a saída?

A escola não tem conseguido formar leitores para a vida inteira. O que se vê são práticas pouco sedutoras e obrigatórias, e delas o estudante se afasta tão logo ultrapassa os limites da escola. O resultado, que tem se tornado crônico, é a má formação das habilidades necessárias à leitura.

Aqui entra o mediador, o elo que julgamos necessário para garantir o encontro prazeroso entre livro e leitor. Num cenário que se desenha francamente refratário à prática da leitura, que chances teria o mediador de uma atuação bem sucedida na formação de leitores auto-motivados? Toda escuridão traz em si uma promessa de luz.

Alguns dados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”⁴, realizada no período de 29 de novembro a 14 dezembro de 2007, podem nos servir de alento. Eis os dados: para crianças até 10 anos a leitura é uma atividade prazerosa; os leitores entre 5 e 17 anos representam 39% da população leitora; vai até os 10 anos a idade em que os leitores mais leram na vida.

Parece-nos que esses são sinais inequívocos de que há campo para a promoção da leitura e para a atuação do mediador. Mas por que a crença na figura do mediador?

⁴ Disponível no endereço eletrônico: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/>>.

Ler é uma arte. E uma arte transmite-se, sobretudo, pela via do prazer e da paixão. Imaginemos o professor de um instrumento musical qualquer – o piano, por exemplo. Dele se espera que, além de profundo conhecedor, seja também um íntimo freqüentador do instrumento. A leitura, sendo uma arte de lenta aprendizagem, pede igualmente a intervenção de um apaixonado, de um íntimo freqüentador dos livros. E aqui cabe pôr em destaque um ponto até agora intocado: estará o professor preparado como leitor para interferir criticamente na formação qualitativa do gosto de outros leitores? Sem querer advogar uma condenação prévia à atuação do professor – que vive uma dura realidade de trabalhador mal pago e submetido a exigências que extrapolam seu âmbito de competência –, o que os testes e pesquisas atestam é que as habilidades leitoras do estudantado brasileiro são o retrato de um retumbante fracasso. Isso nos força a repetir o que já dissemos há pouco: a promoção da leitura padece de uma inadequação de métodos e de espaços de aprendizagem.

Apesar do tom salvacionista que emprestamos à figura do mediador, não se entenda que nele reside toda a solução do drama. É só um primeiro nó – decerto o mais importante – que se desfaz. Na esteira dele vêm outros tantos já aqui apontados e que igualmente exigem intervenção. Mas entendemos primordial, de saída, propiciar uma mediação o mais qualificada possível. Não é demais repetir que o mediador tem de ser um apaixonado pela leitura. E sabemos todos que a paixão tem o dom do contágio. Um apaixonado seduz tão facilmente quanto respira. É essa figura apaixonada que entendemos apta a colaborar no esforço descomunal de erguer o espetáculo da leitura. Claro está que a atuação do mediador, a despeito do requisito prévio da paixão pela leitura, deve ser antecedida de uma formação que o habilite a melhor direcionar seus esforços, e isso demanda investimento.

Leitura e educação são indissociáveis. E ao defender a “desescolarização” da leitura, de modo algum isso significa a proposição de uma ruptura entre uma e outra, de resto impossível. O que se propõe é apenas uma readequação de métodos e de espaços de aprendizagem, sem qualquer prejuízo à convergência de objetivos que unem, de maneira inapelável, leitura e educação. Tenhamos sempre presente que a educação é o grande vetor civilizatório. A propósito, o senador Cristovam Buarque tem-se tornado o arauto da revolução pela educação. E para dar conta dessa cruzada educacionista, recém-lançou o livro *O que é educacionismo* cuja leitura reputamos indispensável.

Já é hora de fechar a cortina e partir para o jogo de cena que nos espera para além do palco em que representamos nosso drama. Temos de ir aonde o drama, de fato, está. Dissemos que ler é uma arte. Onde há arte, há artista. Nas palavras de Marshal McLuhan, “o artista [...] é a única pessoa capaz de enfrentar impune a tecnologia, justamente porque ele é um perito nas mudanças de percepção” (*apud* MARINHO, 2001:198).

Quando tudo em volta parece assumir os contornos do irremediável, eis que a palavra, essa entidade mágica e poderosa, tem o poder de iluminar escuridões indevassáveis. E quando a literatura parece dar sinais de falência num tempo que tem consagrado o espetáculo midiático, as palavras de Sartre vêm muito a propósito: “Se o mundo decidisse viver sem literatura, então poderia viver também sem o ser humano” (*apud* PERISSÉ, *Literatura & Educação*, 2006:131).

Cá chegados, exaustos de tanto navegar por esse drama sem fim – e sem chegar a nenhum porto – só nos resta, ainda uma vez, reiterar: navegar é preciso! Quem sabe se nós, navegantes incansáveis e militantes desse encantado ofício de ler para ser, não alcançaremos o dia em que o espetáculo da leitura venha a ser um espetáculo de público? Nesse dia, onde quer que estejamos, nossos aplausos serão os mais retumbantes. Bravos!

Referências bibliográficas:

- BUARQUE, Cristovam. *O que é educacionismo*. São Paulo: Brasiliense, 2008 – (Coleção Primeiros Passos).
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, Cristina. *Ficção, comunicação e mídias*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002 – (Série Ponto Futuro).
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As musas sob assédio: literatura e indústria cultural no Brasil*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005 – (Série Livre Pensar).
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- MARINHO (org.), Marildes. *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001 – (Coleção Leituras no Brasil).
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1989 – (Coleção Primeiros Passos).
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- PERISSÉ, Gabriel. *Literatura & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- _____. *O leitor criativo*. São Paulo: Ômega Editora, 2004.
- _____. *Ler, pensar e escrever*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004 – (Coleção Elementos de Criação Literária).

- _____. *A leitura das entrelinhas: método lúdico-ambiental*. São Paulo: ESDC, 2006 – (Coleção Pensamento e Criatividade).
- _____. *Elogio da leitura*. Barueri, SP: Manole, 2005.
- PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990 – (Coleção Novas Buscas em Educação).
- SILVA, Ezequiel Theodoro. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1981 – (Coleção Educação Contemporânea).
- VARGAS, Suzana. *Leitura: uma aprendizagem de prazer*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Margareth Soares; CURRY, Maria Zilda Ferreira. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001 – (Série Ponto Futuro)